

## **MEMÓRIA E ORALIDADE NO DISCURSO DE EX-OPERÁRIAS DE UMA FÁBRICA TÊXTIL NO INTERIOR DA BAHIA**

Neli Ramos Paixão

O cotidiano de trabalhadores e, mais especificamente, de trabalhadoras fabris, e a maneira como este cotidiano fora experimentado/vivenciado e dito por seus atores sociais constituem o campo de referência de nossas reflexões neste trabalho.

A forma como as (os) ex-operárias (os) expressam suas experiências, na qual se imbricam memória e oralidade, descortina possibilidades e perspectivas para a pesquisa histórica que têm encontrado campos cada vez mais férteis no universo historiográfico. Assim é que tais expressões se consubstanciam em fontes orais para a pesquisa histórica ou, como preferem outros pesquisadores – a despeito dos debates acerca do uso do termo - em “história oral”.

As fontes orais oferecem a possibilidade de estabelecer novos enfoques e reflexões ao capturar as histórias significativas de indivíduos ou grupos sociais que não estão registradas em documentos escritos e ao permitir o reexame de realidades não contempladas pela história oficial. Este não é um atributo exclusivo das fontes orais, nem tão pouco elas servem apenas à “história dos vencidos”, afinal as classes dominantes também falam. Mas importa salientar que o uso de fontes orais – e toda sorte de contingências que possam derivar desta opção metodológica – são, como escreveu Charles Santana:

“ dimensões da pesquisa ricas em possibilidades que se abrem ao historiador preocupado em surpreender o vivido e as estruturas de sentimento, entendidas como criações culturais, no cerne dos processos históricos em que a luta entre projetos de mundo, entre interesses, ganha visibilidade”.

Ao pensar nas (os) operárias (os) da Companhia Valença Industrial, uma fábrica têxtil no interior da Bahia, como agentes sociais, situamo-las (los) num contexto mais amplo de relações sociais, produção econômica, constituição e preservação de hábitos culturais, embates políticos, compreendendo-as (os) como sujeitos que criaram e recriaram comportamentos e atitudes e construíram suas diversas experiências no meio em que inscreveram a história de suas vidas

Portanto, a partir da memória e da voz desses sujeitos históricos, daquilo que evocam do seu passado, da recuperação das suas lembranças de tempos e espaços diversos, da explicitação de seus conhecimentos, valores e percepção de mundo é possível se chegar a aspectos e a sujeitos históricos tradicionalmente marginalizados pela história, dando voz àqueles que não a tinham.

A fala – a palavra dita – foi, então, o veículo fundamental de construção e reconstrução da história e vivências das operárias, através da qual, ao remontarem suas experiências, estabeleceram referências do contexto profissional, sociocultural e pessoal que constituem a sua história. Há que se destacar, entretanto, que o uso de fontes orais não implica considerar somente o “dito”, o verbalizado; a plenitude do depoimento abarca movimentos, gestos, expressões fisionômicas, entonações e silêncios carregados de sentidos. Segundo Charles Santana:

“Além disso, acrescenta aquilo que penso ser a especificidade da história oral: a oralidade mesma. Implica considerar não apenas as palavras, as orações e as frases registradas no gravador e transcritas no papel; mas a plenitude do depoimento com a qualidade de narrativa oral. Implica, também, pensar a fonte oral impregnada de significados que emergem de diferentes performances corporais, negando ratificando ou explicitando o conteúdo das palavras de uma forma distinta daquela expressa pela e na escrita”.

Na fala de trabalhadoras e trabalhadores entrevistadas (os), a diversidade de respostas e reações a um questionamento ajuda a tecer os fios das relações sociais de outros tempos, as quais, extrapolando a experiência individual, dizem das estruturas políticas, econômicas e culturais de um dado espaço numa determinada época.

A ser questionada, por exemplo, acerca da atuação do seu sindicato e de sua participação nas atividades promovidas por ele, a ex-operária D. Naninha foi surpreendentemente enfática:

“Participava. Era remédio que a gente adquiria... só era remédio. Eu nunca levei problema pra sindicato! Eu nunca fui problemática dentro do meu trabalho! (...) Eu não ia [para as reuniões]. Não gostava não. Não gostava desse negócio. Não gosto de nada! Nunca gostei de nada! Só fazia trabalhar. Essas coisa de reunião, disso, daquilo, não participava de nada. (...) Nem procurava saber o que foi que houve lá, nem o que não houve. Não ia não. Nada. Só cumpria com as minhas obrigação dentro do setor do meu trabalho. O resto? Não procurava saber nada!”.

A sua resposta, marcada pela rigidez da expressão fisionômica, o fechar dos olhos e o frenético manear da cabeça, traduz uma sua visão sobre a organização política do grupo profissional de que participava com a qual, de acordo com o que ela expressa, a operária não se coadunava. A atuação do sindicato era por ela compreendida como “coisa de problemáticos” e a sua participação nesta entidade limitar-se-ia ao aviamento de receitas médicas.

Outras operárias compartilhavam dessa visão expressa por D. Naninha:

“Mas eu nunca me envolvi em nada (...) [Durante a greve]... eu trabalhava... trabalhava. Nunca me envolvi em nada disso (...) Entrava quem quisesse trabalhar; quem não quisesse...”.

É difícil mensurar até que ponto as operárias reconheciam como importante e necessária a sua participação no sindicato e nos momentos pontuais de lutas coletivas como as greves. É fato, entretanto, que muitas operárias participavam ativamente, a tal ponto que D. Benedita afirmou em seu depoimento:

“Quando tinha greve... O sindicato era que iria resolver tudo porque quanto tinha greve o pessoal vinha... não trabalhava. Ficava tudo do lado de fora sem querer entrar e o sindicato era que ia resolver. Veio até gen... povo de Salvador, Plínio Sampaio, esse pessoa resolver esses problema”.

E acrescentou, quando questionada a respeito da sua participação na greve:

“Eu fazia sim... Era a fábrica toda... era... era a fábrica toda, não era só eu não.”

As diferentes impressões sobre a atuação do sindicato são reveladoras da diversidade de elementos componentes daquela realidade. No nosso exemplo, de um lado, trabalhadoras (es) que participavam ativamente dos embates que envolviam os interesses de operários e os de patrões (ou seus representantes); de outro, aquelas (es) que primavam pela obediência e pela idéia de jamais serem “problemáticos” dentro do seu ambiente de trabalho. Entre um e outro pólo, outros tantos sujeitos cuja conduta aumentava ainda mais as tramas que compunham a teia daquelas relações sociais.

É significativamente interessante perceber, através dos depoimentos, que as trabalhadoras (es) que atestaram sua participação nos movimentos grevistas promovidos pelo sindicato correspondem às mesmas (os) que fizeram críticas severas aos seus superiores, provavelmente aquelas (es) que, no dia-a-dia fabril, davam um jeito de quebrar, ou pelo menos flexibilizar, a rigidez do enquadramento disciplinar, e se atreviam, em momentos decisivos, ao enfrentamento, respaldadas pela união com outras (os) operárias (os) e pelo sindicato. Ao fazerem referência aos gerentes que administraram a fábrica em sua época de trabalho, o depoimento de D. Benedita – que afirmou participar das greves – e

o de D. Mariinha – que assumira a postura da não participação – são lapidarmente exemplificadores:

“Dr. Raul e seu Morá ... Aquele seu Mora era uma misera... Pintava o diabo com a gente... E dr. José Soares, aquilo era outro miserave... era gerente... Seu Morá saiu, foi embora, e ele foi quem ficou, José Soares. Aquilo é um miserave... Quarquê bobagezinha ele suspindia, pagava multa”.

“Mas eu, graças a Deus, sempre fui tratada com delicadeza, que eu também não dava lugar a ninguém me chamar por nada. (...) Ele [‘dr’ Raul, gerente] brincava muito comigo, não dentro do trabalho; fora...”.

A reconstituição dessa dimensão subjetiva dos processos históricos é uma possibilidade que as fontes orais nos oferecem de forma singular. Uma de suas maiores riquezas é a própria oralidade em toda sua substância, com todas as suas nuances e com seu amplo leque de possibilidades de penetrar dimensões do modo de vida de sujeitos as quais dificilmente seriam percebidas em outros tipos de fontes.

Com a valorização das fontes orais, pretendemos dar voz ao vivido e sentido pelas (os) operárias (os) da Companhia Valença Industrial, as (os) quais, ao lembrarem e relatarem suas experiências, nos abrem um caminho de questionamentos sobre o trabalho fabril, as relações de poder, as redes de solidariedade, as estratégias de sobrevivência e de superação das dificuldades, enfim, a teia de relações sociais que permearam a vida desses indivíduos circunscritos em um tempo e em um espaço históricos.

“Era ótimo. Minhas colega de trabalho era maravilhosa. São tudo boa, minha filha, minhas coleguinha de trabalho, era tudo camaradinha, gente boa. Não tenho o que dizer das minhas colega”.

No depoimento de D. Naninha como em outros, são sinalizados outros elementos das relações que envolviam aqueles sujeitos sociais: a boa convivência expressa nas

palavras da ex-operária são um indicativo de que a rede de solidariedade e de amizade tecida no ambiente fabril era um dado significativo.

A memória dessas relações permeia as lembranças e as falas desses indivíduos que, ao compartilhar as vivências cotidianas do trabalho, não raras vezes convertiam tal partilha em estratégias para amenizar as tensões e dificuldades, burlar a fiscalização e o enquadramento disciplinar impostos por seus superiores e vencer obstáculos que garantissem a sua permanência no emprego. Esta rede intrincada de solidariedade e cumplicidade foi patentemente expressa pela ex-operária D. Aída:

“Eu com quinze dia aprendi logo trabalhar. Fui trabalhar com uma máquina só. E a vizinha minha, de junto, aí quando eu não sabia eu chamava ela escondido do fiscal, aí ela: é assim, assim. Aí saía logo pra o fiscal não ver”.

Tais relações, inscritas na dinâmica da cotidianidade, constituem os fios da tessitura em que indivíduos adquirem o estatuto de sujeitos históricos. A História Social soube apreender o potencial desse imenso cenário que é o cotidiano e, ampliando os horizontes temáticos, abstrair os sujeitos da vida por eles mesmos criada, ou seja, analisá-los a partir da perspectiva do cotidiano, ele que é, segundo Agnes Heller, “a verdadeira ‘essência’ da substância social”.

As vivências inscritas no cotidiano são reavivadas pela memória que, mediando as experiências passadas em sua relação com o presente, faz aflorar uma vastidão de significados acerca do tempo vivido. Mais do que um processo parcial e limitado de recordar fatos passados, a memória funda-se na construção de referências sobre o passado e o presente de indivíduos e/ou grupos sociais que, de um lado, estão ancorados nas tradições; de outro, intimamente associados a mudanças culturais. Desse modo, memória e oralidade constituem instrumentos preciosos para o trabalho do historiador que pretende desvelar universos individuais e sociais – trabalho, cultura, vida cotidiana... – de agentes sociais populares, a partir daqueles que os vivenciaram.

Nesse sentido, ao penetrar na memória das (os) operárias (os) da C.V.I. estamos pisando em uma seara instigante e desafiadora, que nega a rigidez cronológica e a linearidade, que é marcada por oscilações que envolvem a lembrança e o esquecimento, subjetividades coletivamente construídas, o passado e sua recriação em um outro momento: o presente, com todas as suas contingências.

O papel da memória nos estudos históricos tem sido, pois, um papel “subversor”. Para além dos debates teórico-metodológicos, o fato é que ela vem – para usar uma expressão de Alistair Thomson – “subvertendo a história” e assumindo relevância significativa nas produções históricas. Ao fazê-lo, o historiador alarga as noções de evidência histórica, incluindo as fontes orais como válidas para os estudos da história social e cultural. Nas palavras de Thomson:

“... não seria demais afirmar que a história oral – juntamente com outros artefatos, dados e ‘textos’ culturais – provou-se crucial para o processo de superar noções convencionais acerca do que vale como história e, portanto, do que a história pode contar”.

Assim, as recordações e narrativas das ex-operárias (os) da C.V.I. tornaram-se fontes para responder aos questionamentos sobre a vida cotidiana, o trabalho operário, as relações de poder, de solidariedade e de disputas, as ações e relações no ambiente doméstico. Estas questões estão presentes nesse leque cada vez mais amplo de curiosidades do historiador, no qual o interesse crescente por histórias como as das mulheres, por exemplo, vem desempenhando importante papel na constituição de novas fontes e métodos de pesquisa.

São questões que perpassam a experiência de sujeitos cujas visões/impressões dificilmente estão registrados em documentos escritos, como, por exemplo, esse registro no testemunho de D. Dalza:

“A gente não tinha tempo nem de se encostar porque é pra olhar as máquina na frente, atrás. Ali é um trabalho de rodar mesmo. Quando eu chegava em casa eu já não dava mais pra nada. (...) Trabalhava

na fábrica, trabalhava em casa e era uma vida de correria. (...) Eu me acabava mesmo pra poder... porque no dia, na semana que eu ganhava pouco meu filho não tinha dinheiro nem pra comprar uma merenda (...).”

Despontam nas lembranças de D. Dalza uma série de elementos que compunham aquele universo social: as exigências e condições para a realização do trabalho na tecelagem, as dificuldades em administrar a dupla jornada de trabalho – na fábrica e em casa - , as características da relação de trabalho que estabelecia, por exemplo, o ganho por produtividade, as motivações para se dedicar ao máximo de sua capacidade produtiva expressa em “eu me acabava mesmo” pra garantir a satisfação das necessidades de seus filhos. Muito dificilmente outras fontes evidenciariam com tamanha agudeza tais informações a partir da perspectiva de tais sujeitos.

Na memória das (os) operárias (os) ficaram significativas recordações de um tempo entrecortado de dificuldades e alegrias, de sofrimentos e compensações, de enfrentamentos e conciliações que, certamente, jamais apreenderemos em sua totalidade.

O modo de ser e de viver dessas operárias, expressos em suas falas, são reveladores de valores identitários da própria população valenciana que, a despeito da prática de outras atividades econômicas além da industrial, inseriu no seu modo de viver novos contornos e uma dinâmica absolutamente peculiar a partir e em torno da fábrica.

Longe de pretender esgotar as discussões acerca do tema, nosso trabalho tem, antes, a intenção de suscitar outras tantas questões e outras tantas leituras que possibilitem evidenciar a existência e as ações de sujeitos históricos que vem sendo paulatinamente retirados dos bastidores da história e assim contribuir para o reconhecimento da identidade de um povo do qual mulheres e homens operários, funcionárias (os) da Companhia Valença Industrial fizeram e fazem parte, cujas histórias de vida marcaram, com seus valores e cultura, a história da sociedade valenciana.